

Fernando Pessoa

II — Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,

II

Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,
E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça. . .

Alegra-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso,
E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido por dentro. . .

O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes
Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar. . .

Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir-me a vidraça
E sente-se chiar a água no facto de haver coro. . .

A missa é um automóvel que passa
Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste. . .
Súbito vento sacode em esplendor maior
A festa da catedral e o ruído da chuva absorve tudo
Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe
Com o som de rodas de automóvel. . .

E apagam-se as luzes da igreja
Na chuva que cessa. . .

8-3-1914

«Chuva Oblíqua». **Poesias**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1942 (15ª ed. 1995): 26.

1ª publ. in **Orpheu**, nº 2. Lisboa: Abr.-Jun. 1915.